



A dimensão pública da Teologia de Karl Barth: reflexões a partir de sua atuação pastoral, social e política

*The public dimension of Karl Barth's theology: reflections from
his pastoral, social and political work*

MANOEL BERNARDINO DE SANTANA FILHO^a 

Resumo

Este artigo pretende mostrar que a teologia de Karl Barth tem um caráter eminentemente público, na medida em que ele encara teologia como uma função da Igreja e praticada pela própria Igreja como elemento de salvaguarda da fé cristã dos possíveis desvios doutrinários e dogmáticos. Para isso, ela tem um papel de vanguarda, pois se situa como sentinela. Para Barth, não existem não-teólogos na Igreja. Em maior ou menor grau, todos têm a responsabilidade de preservar a saúde do ensino cristão. No campo social, Barth procura dialogar com diferentes linhas de pensamento de seu tempo, principalmente a partir de 1914, quando se decepciona com a postura de vários de seus antigos professores e, no ano seguinte, passa a fazer parte de movimentos sociais, mantendo contato com importantes personalidades do socialismo ocidental. Na política, é notória sua decidida atuação de enfrentamento do nacional-socialismo, que tomou conta da Alemanha a partir da década de 1930. Participou ativamente da formação da Igreja Confessante, por ocasião da Declaração de Barmen, em 1934. Posteriormente, expulso da Alemanha Nazista, continuou a fazer com que sua voz fosse ouvida na Alemanha, por meio das ondas de rádio, incentivando a resistência àquele terrível regime. Barth deixa

^a Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutor em Teologia Sistemática, e-mail: m.bernardinofilho@gmail.com

um exemplo de luta e comprometimento com a mensagem de Jesus Cristo, o Único Senhor da Igreja.

Palavras-chave: Karl Barth. Igreja. Sociedade. Resistência. Ação Política.

Abstract

The present article aims to showcase that Karl Barth's theology has an eminently public aspect, since he understands theology as a role of the church and practiced by herself, acting as a safeguarding factor for the Christian faith against some possible deviations concerning doctrine and dogmatic issues. Towards that end, it assumes a forefront role, since it is placed as a watchman. To Barth, there are no non-theologians in the church. To a greater or lesser extent, everyone has the responsibility of maintaining a healthy Christian teaching. In social issues, Barth seeks dialogue with different lines of thought of his time, especially since 1914, when he was disappointed with the attitude of several of his former teachers, deciding, in the following year, to take part in social movements, keeping contact with important figures of western socialism. In politics, his decisive stance against national socialism, which swept across Germany since the 1930s, is notorious. He had an active role in the foundation of the Confessing Church, after the 1934 Barmen Declaration of Faith. Later, Barth was expelled of Nazi Germany, but continued to make his voice heard in Germany through radio waves, encouraging resistance against that evil regime. Barth left us an example of struggle for and commitment to the message of Jesus Christ, the only Lord of the Church.

Keywords: Karl Barth. Church. Society. Resistance. Political Action.

Introdução

A teologia adquiriu, nos últimos vinte anos, no Brasil e em muitos países da América Latina, status de disciplina pública. Antes, porém, de mostrar o caráter público da teologia, a partir de Karl Barth, é preciso verificar primeiro quais são os “públicos” do teólogo. David Tracy afirma que o teólogo se dirige a três realidades sociais distintas: à igreja, à academia e à sociedade, de um modo mais amplo (TRACY, 2006, p. 23).¹ Um desses grupos é o destinatário principal do teólogo, ainda que não seja o destinatário exclusivo. Ronaldo Sathler-Rosa chama a atenção para

¹ Tracy enfoca o pressuposto de que a teologia é uma disciplina essencialmente acadêmica e pública partindo, portanto, da sociedade mais ampla para chegar à igreja. Para os objetivos deste artigo, opera-se o caminho inverso.

o processo de desprivatização da religião ou religião como instância pública. Vários agentes pastorais e acadêmicos, inclusive serviços de diaconia e corpos eclesiais chamam a atenção, na senda dos profetas do Primeiro Testamento, para o estado de pauperismo e de desolação de enorme parte das populações do mundo, em especial nos países do hemisfério sul. Ênfases teológicas centradas nos continentes sul-americano e central evocam a exigência de que o cristianismo reflita sobre suas origens bíblicas, a fim de que sua mensagem também se dirija ao campo público, no contexto da política e da organização da sociedade (SATHLER-ROSA, 2010, p. 58 e nota 22, p. 114).²

Importantes contribuições ao desenvolvimento do debate sobre a teologia pública têm sido apresentadas por diferentes autores. Júlio Zabatiero, professor da Faculdade Teológica Sul Americana de Londrina, Paraná, em seu livro “Para Uma Teologia Pública” (2011), apresenta os desdobramentos para uma teologia denominada pública, a qual busca um conceito de cidadania por meio da tematização de conceitos antes restritos ao âmbito eclesial. Ela é pública, porque dialoga com a academia, participando ativamente dos clamores da sociedade, que busca seus direitos ante um Estado insensível aos clamores dos menos favorecidos. A coleção “Teologia Pública”, publicada pela Editora Sinodal e Faculdades EST, tem apresentado importante contribuição para a difusão do assunto. No caso específico deste artigo, a tese de Jefferson Zeferino (2018) sobre a teologia pública, em Karl Barth, irá promover uma maior compreensão da dimensão pública do teólogo de Basel³.

² Segundo Fowler (1991, p. 14) o livro de Martin Marty, *The Public Church: Mainline – Evangelical – Catholic*, de 1981, se tornou marco importante para as discussões atuais sobre o caráter público da Igreja e da teologia. Segundo Graham (1999), “o termo ‘teologia pública’ designa um movimento entre um variado grupo de teólogos e eticistas na América do Norte, nos últimos vinte anos [...]. Parecem ter em comum a tarefa de desconstrução de várias afirmações levantadas no período moderno, no Ocidente, sobre a natureza da relação pessoa-mundo e a divisão da realidade entre dois mundos relativamente distintos, caracterizados como o ‘privado’ e o ‘público’” (tradução do autor).

³ CAVALCANTE; SINNER, 2011 *Teologia Pública*, 1); JACOBSEN; SINNER; ZWETSCH, 2012 (a). (*Teologia Pública*, 2); JACOBSEN; SINNER; ZWETSCH 2012 (b) (*Teologia Pública*, 3). Foram publicados mais cinco volumes; menciono, de modo especial, SINNER, 2018 (vol. 7 da coletânea), voltado para o contexto brasileiro; vols. 4 e 8 são diálogos com a África do Sul; vol. 5 é um diálogo com teólogos/as da Áustria, e vol. 6 é uma monografia.

O Pastor Ante a Crise da Pessoa Cristã

No dia 11 de novembro de 1918, Karl Barth (1964, p. 45) escreveu uma carta para seu amigo Eduard Thurneysen (1888-1974), na qual ele afirma: “A pessoa medita alternadamente sobre o jornal e o Novo Testamento e, na verdade, vê terrivelmente pouco da conexão orgânica entre os dois mundos, a respeito da qual deveria agora ser capaz de dar um testemunho claro e poderoso”. Era o dia do final da Primeira Guerra Mundial. Um dia que entrou para a história, de forma dramática para a Alemanha, obrigada a assinar o armistício de Copiègne, que era, na verdade, uma vergonhosa derrota para o povo alemão. E ele prossegue em sua carta: “Eu me pergunto como o sermão de (Hermann) Kutter (1863-1931) soou ontem, com ou sem tempo, e como, talvez, ele encontrou uma maneira de denunciar o espetáculo público dos principados e potestades desta época. O que vamos dizer, desta vez, no período vindouro do Advento?” (ibid.) E ele prossegue:

O que há para dizer? Ficamos surpresos não é, e só podemos afirmar como a face do mundo muda visivelmente: deste lado das coisas. Mas, por outro lado: qual o significado do conteúdo, a tendência real dele? Todos os movimentos no reino espiritual que agora acontecem, as portas de Deus, que agora se abrem ou fecham, o progresso ou paralisação. Quem está aqui agora com uma compreensiva visão da raiz dos acontecimentos e que seja capaz de falar a partir desse ponto de vista? Graças a Deus que eu não tive de pregar ontem. (ibid.).

O que incomodava Barth era, na verdade, a inadequação da teologia liberal de seus antigos professores, com os quais havia rompido, por conta da atitude de permitir que suas assinaturas estivessem em um documento que sancionava a política de guerra do Império Alemão. Este documento, conhecido como “Manifesto de 93 Intelectuais Alemães para o Mundo Civilizado” tinha, dentre tantas mentes ilustres, alguns dos antigos professores de Barth, como Adolf von Harnack. O início da guerra e, particularmente, o ano de 1915 foi importante para a mudança de pensamento que se daria em Karl Barth. Porque é nessa época que ele se sente mais incomodado com o conteúdo das pregações em sua pequena paróquia, em Safenwil, na Suíça. Percebeu que, no exercício do pastorado, tinha que lidar com situações inusitadas, jamais vistas ou pensadas nas salas de aulas das

instituições onde tinha feito sua formação com os mais renomados pensadores dos seus dias.

O problema da teologia daquele início de século, vista por Barth, era que o otimismo quanto ao progresso já não se ajustava às demandas de um tempo de convulsões sociais, as quais atingiam diretamente o indivíduo em sua vida familiar e de negócios. Não havia o que comemorar. Veremos adiante que Barth vai também se decepcionar com sua opção pelo socialismo religioso, influenciado por pensadores como Hermann Kutter e Leonard Ragaz. O centro de suas preocupações, naquele período, entre 1911 e 1921, era o que dizer como pároco de uma pequena aldeia que, por si só, vivia suas crises familiares e de relacionamentos trabalhistas. O início da guerra o levou a denunciar as políticas beligerantes de antigos companheiros, fossem os de estudo acadêmico ou de caminhada pelas trilhas da social-democracia. Ele confessa que falou tanto sobre esse assunto no púlpito de Safenwil que, em certa ocasião, uma mulher da comunidade o indagou “se ele não poderia falar sobre outro assunto em seus sermões” (BUSCH, 1993, p. 81).

O que ele procurava e o que era de maior importância naquela altura de sua vida foi tentar responder à seguinte questão: qual a base a partir da qual os cristãos podem falar? Essa foi a sua crise mais aguda. Os muitos anos em Safenwil serviriam para moldar o caráter do teólogo, que saíria daquele ambiente, de certa forma, perplexo pelas ambiguidades da vida, pronto a trilhar caminhos tortuosos pelos quais também somos convocados a nos posicionar durante a nossa jornada, procurando ser lúcidos quanto ao discernimento da palavra profética que deve ser anunciada por um pastor diante de um mundo em ebulição. A homilia dominical passa a ser sua preocupação diária. Não mais se sentaria confortável em seu gabinete de trabalho, nos sábados à noite, para produzir um sermão segundo às normas da homilética e da hermenêutica, provenientes de seus antigos professores. Ele agora sente o peso do pastorado, pois o sermão precisava refletir o momento histórico em que vivia (WILLIMON, 2009, p. X). Domingo após domingo, procurou partilhar as palavras das Escrituras com seus ouvintes, jamais se escondendo por trás da famosa neutralidade suíça. Não queria estar à margem, falando de histórias bíblicas sem ligação com o estrondo das bombas e dos gritos dos feridos. Queria falar ao coração de sua paróquia, de forma que sua palavra, como palavra bíblica,

proporcionasse respostas diante das profundas inquietações espirituais de toda uma geração (BARTH, 1954, p. 24).

Enquanto ele se debate diante dessas questões, seu amigo Eduard Thurneysen é convidado para assumir o pastorado de uma paróquia na localidade de Leutwil. Ele havia trabalhado em Zurique, como secretário da ACM, Associação Cristã de Moços, cuja sigla em inglês é YMCA — Young Men's Christian Association. Barth agora podia percorrer duas horas, em sua bicicleta, para se encontrar com o amigo com quem passou a partilhar suas preocupações. Thurneysen seria despertado para o estudo do Novo Testamento, da teologia pastoral e do que havia de teologia na obra de Dostoiévski. Barth, por sua vez, dedicou-se ao estudo de Paulo lendo, principalmente, a Carta aos Romanos. Àquela altura, 1914-1915, Barth ministrava palestras em diferentes lugares, ainda assentado nos pressupostos da teologia liberal do século XIX. Porém, isso o incomodava, o que resultou numa proximidade com Thurneysen que, de fato, o auxiliou na busca de uma nova forma de anunciar a mensagem da Escritura. Por meio de seu amigo, foi introduzido em um novo ciclo de amizade, dele fazendo parte Rudolf Pestalozzi, um homem de negócios proprietário de uma fábrica de ferro de engomar; Paul Wernle (1875-1936), pertencente à escola da história das religiões; Hermann Kutter, já aqui mencionado. No entanto, Barth, agora foi intensamente dominado pela eloquência de Kutter, a respeito de quem afirma ter se maravilhado pela “lava fundida de sua erudição, um homem que fala como um vulcão em erupção e que o levou a considerar seriamente o significado da palavra ‘Deus’ para o seu tempo” (BUSCH, 1993, p. 76).

Animado pelos encontros com Thurneysen, Barth começa a se dedicar a uma pregação que leve em conta as perguntas daquela hora de aflição, não certamente para muitos suíços indiferentes, ocultos por trás de uma falsa paz para o seu povo. O pastor começa a pensar, aprendendo a escutar as perguntas antes de pretender dar alguma resposta. O sermão é um monólogo e, no entanto, não pode ser alienado. As perguntas devem sempre ser ouvidas à luz do evangelho. Esse é o método de Barth: trazer consigo a Escritura para que fale e produza as respostas, iluminando para uma nova perspectiva. Aliás, esse método de Barth faria frente ao de Paul Tillich. Barth, reformado, vai sempre colocar o Evangelho antes da lei. Ele falava, primeiramente, de Cristo, para somente depois analisar a situação vivida pelo ser humano em seus dias. Tillich, por seu lado, luterano, procura descrever a

situação humana e a existência humana sob a lei. Assim é lei antes do evangelho. Sempre a pergunta antes da resposta (TILLICH, 1986, p. 23). Do mesmo modo que filósofo e escritor espanhol Miguel de Unamuno recomendou a John A. Mackay, em 1915, por ocasião da opção deste pela América Latina: primeiro escutar as perguntas que a cultura faz à religião em vez de ditar as respostas antes de compreender quais são as perguntas (SINCLAIR, 2010, p. 39).

Após dez anos de exercício pastoral ininterrupto, Barth agora estava pronto para uma nova experiência. Ele não é o teólogo que se torna pastor, mas o pastor que vive a prática cúltrica e daí se volta para o exercício do fazer teológico. Portanto escreve, na introdução de sua Dogmática: “Dogmática é uma disciplina teológica. A teologia é uma função da Igreja” (BARTH, 1936, p. 1). Seu método é prática primeiro. Por isso, a teologia será sempre uma experiência segunda. É a teologia que brota como resultado de uma profunda experiência cotidiana com a comunidade eclesial. Barth promoveu a redescoberta da teologia, da sua vitalidade e importância para todas as esferas da vida. Essa orientação barthiana tem reflexos na teologia praticada na América Latina, particularmente na teologia de Gustavo Gutiérrez, que assumiu esse pressuposto como método para seu próprio exercício pastoral e de produção acadêmica. Na primeira parte de sua obra mais conhecida, *Teologia da Libertação*, já é visível a centralidade da práxis sobre a teoria. Ele se apresenta, primeiramente, como o pastor que, em meio às crises da existência humana, busca refletir sobre a fé. Ele afirma:

Teologia é reflexão, atitude crítica. Primeiro é o compromisso de caridade, de serviço. A teologia vem depois, é ato segundo. Pode-se dizer da teologia o que da filosofia afirmava Hegel: só se levanta ao crepúsculo. A ação pastoral da Igreja não se deduz como conclusão de premissas teológicas. A teologia não gera a pastoral, é antes reflexão sobre ela; deve saber encontrar nela a presença do Espírito inspirando a ação da comunidade cristã. A vida, pregação e compromisso histórico da Igreja há de ser para a inteligência da fé, um privilegiado lugar teológico (GUTIÉRREZ, 1979, p. 24)

Desta forma, Barth é o pastor que se torna teólogo, a partir de um profundo sentimento de respeito e sensibilidade com as necessidades da comunidade cristã. O caráter público de sua teologia se evidencia aqui, por conta de sua preocupação com a fidelidade à palavra a ser anunciada, tanto no sentido de que ela seja fiel ao

Deus que fala, por meio das Escrituras, quanto pelo fato dela responder às inquietações, às angústias e aos anseios espirituais da comunidade, da qual ele se sente obrigado a ser um agente dessa comunicação.

Barth e a Questão Social

Ao ler Barth encontramos, primeiramente, o pastor preocupado com o rebanho, mas também com a situação social, política e econômica. Sua teologia não é bairrista nem setorial. O que ele tenta é falar de Deus numa época em que esse discurso estava fadado ao fracasso, dada ainda a influência de Immanuel Kant (1724-1804) e dos pensadores neokantianos, como Paul Natorp (1854-1924) e Hermann Cohen (1842-1918). A ciência no século XIX foi dominada pelo pensamento do idealismo objetivo de Hegel. Essa perspectiva, na segunda metade do século, já demonstrava sinais de esgotamento. O neokantismo pretendia recuperar a atividade filosófica como reflexão crítica acerca das condições que tornam possível a atividade cognitiva. Mas era ainda Kant que influenciava não somente os rumos da metafísica, como também da teologia liberal. Kant havia determinado que não podemos falar de Deus, porque Ele não faz parte daquilo que pode ser racionalizado, por assim dizer. O que houve no Iluminismo foi um endeusamento da razão. O critério e a mudança de paradigma iniciados por René Descartes alcançaram sua sublimação em Kant. Nada pode ser verdadeiro, senão a partir da análise e confirmação racional. Evidentemente, as ciências, de modo geral, foram afetadas por este novo modelo de investigação. A teologia, antes assentada sob bases dogmáticas inquestionáveis, passou a refletir essa questão em suas afirmações, até então axiomáticas. O racionalismo, sob a luz do Iluminismo, provocou uma crise para a fé, no nível teórico, metodológico e prático. No primeiro nível, houve uma reorientação para a revisão das afirmações dogmáticas; no segundo, mudou-se a hermenêutica, antes assentada sob a autoridade da tradição e da Bíblia. Isto conduziu ao surgimento de uma nova hermenêutica: o método histórico-crítico. No terceiro, o que se viu foi uma atitude acadêmica que acabou afastando as pessoas da busca pelo sagrado.

Barth se situa na esfera de influência desses pensadores, ao mesmo tempo em que os acontecimentos históricos o conduzem na direção de uma postura

voltada para o social. A teologia inicial de Karl Barth se caracteriza por uma abordagem antropológica, que Battista Mondin (1984, p. 144s) chama de minimalista, porque seria uma atitude que apresenta o ser humano como alguém incapaz de nomear Deus por si mesmo. Sua atitude, como pessoa de fé, é mais de escuta da Palavra, que vem ao seu encontro. Essa perspectiva antropológica é negativa, no sentido de que não é ele, o ser humano, que promove o discurso sobre Deus, e sim aquele que deve se colocar em condições de ouvir o que Deus tem a dizer, por meio de sua Palavra, que é Jesus Cristo.

Barth é herdeiro de uma filosofia/teologia vinculada ao Iluminismo, de pensadores que herdaram suas ideias de Kant e que se deram conta de que já não se podia falar de Deus, mas somente podiam falar do sentimento religioso, daquilo que nos interpela e nos toca incondicionalmente. Deus é o Numinoso (Rudolf Otto) e, para senti-lo, o caminho é o da mística medieval, que conduz a uma teologia apofática. Também nos faz recordar Plotino, pensador neoplatônico, que criou a “teoria do êxtase” como forma de comunicação com aquele que Félix Pastor, chama de “O Inefável” (PASTOR, 1989, p. 15).

Barth foi atraído para o movimento socialista a partir de 1915 achando que, por meio dele, poderia achar soluções para problemas urgentes da sociedade. Exerceram influência decisiva sobre eles os Blumhardt, pai e filho. O pai, Johann Christoph Blumhardt (1827-1891), foi o grande iniciador do movimento do Espírito, em Bad Boll, na Alemanha, lugar de ajustamento de centenas de pessoas, que iam até lá em busca de socorro para seus espíritos e corpos. Seu filho, Christoph Blumhardt (1842-1919), deixou o pastorado para se lançar na ação social e política, a partir de sua convicção de que o Deus vivo age através de movimentos seculares na história. Barth, na companhia de Turneyesen, visitou-o no ano de 1915, ficando impressionado com sua convicção quanto à ação de Deus na História. Como já aqui destacado, aliam-se a essas influências as figuras de Kutter e Ragaz, que também teriam papel importante na formação do pensamento de Paul Tillich (SANTA ANA, 1986, p. 24). Do mesmo modo, Barth passou a se dedicar a ler teóricos do movimento social, como Werner Sombart (1863-1941), erudito da escola historicista alemã. Aliás, Barth diria, mais tarde, que antes da experiência de Safenwil, ele tinha demonstrado pouco interesse pelas questões sociais, em parte por desconhecer o que se passava no mundo e, em parte, por pouca leitura quanto a teóricos do

socialismo. Até 1928, só conhecia a Suíça, grande parte da Alemanha e a Holanda (ALTMANN, 2018, p. 412).

É durante a guerra de 1914-1918 que Barth adere, de maneira total e aberta, ao socialismo. O pastorado de Safenwil contribuiu, de maneira acentuada para essa adesão, visto ter que lidar com uma enormidade de questões sociais, envolvendo a necessidade de mediar conflitos entre donos de fábricas e trabalhadores, cujos direitos eram totalmente ignorados. É por essa razão que, a partir do final do conflito mundial, ele passa a ser conhecido como “o pastor vermelho”, por ser a pessoa que ia conversar com os proprietários das fábricas, em nome das e dos operários/as. Ele passou por um período de deslumbramento com as propostas do socialismo mundial, com seu pacifismo e sua preocupação com os proletários de todos os lugares. Durante o período da guerra ele participou de uma reunião preparatória da Terceira Internacional, que aconteceu em Zimmerwald, Suíça, no Cantão de Lucerna. Ali estavam Lenin, Karl Liebknecht, Rosa Luxemburg e outros. Segundo depoimento de Thurneysen a Georges Casalis, ele e Barth participaram daquela reunião por um dia e meio (SANTA ANA, 1986, p. 24). Mais tarde, acompanhou as críticas de Rosa Luxemburg ao centralismo democrático de Lenin, a prepotência e a arrogância e, sobretudo, a burocracia que o partido bolchevista ia assumindo.

Lendo a Dogmática vamos compreender que Barth não escreveu um tratado de teologia para falar do “Deus *absconditus*”, numa reflexão conceitual sobre a transcendência absoluta do Deus da Bíblia. Antes, seu escrito reflete a preocupação com o indivíduo na sociedade. O Deus da Bíblia é Aquele que pode se manifestar com as seguintes palavras:

A justiça humana, requerida por Deus e estabelecida em obediência, a justiça que, segundo Amós (5,24), jorraria como poderoso rio tem, necessariamente, caráter de reivindicação de direito em favor do inocente, ameaçado, do pobre oprimido, da viúva, dos órfãos e dos estrangeiros. Por esta razão, nas relações e eventos na vida do seu povo, Deus sempre se coloca incondicional e apaixonadamente deste lado e deste lado apenas: contra os soberbos e ao lado dos humildes; contra os que já gozam do direito e do privilégio, ao lado dos que são excluídos desses bens e renegados. Que significa tudo isso? Essas coisas não podem ser entendidas pelo estudo abstrato da tendência política, especialmente do caráter forense do Antigo Testamento e da mensagem bíblica em geral. Não podemos ouvir essa mensagem nem crer nela sem o sentimento de responsabilidade em relação à orientação indicada (BARTH, 1957, p. 386).

Como se pode perceber, a Dogmática trata de questões que dizem respeito ao ser humano, de posição ao lado dos pobres e oprimidos, de falar e se posicionar, diante daqueles que são os poderosos, em defesa dos fracos, das minorias e daqueles que não tem voz. Esta é uma posição de Barth que, eventualmente, pode situá-lo como socialista mas, antes de tudo, é um pastor que procura fazer com que sua prática eclesial e a teologia que dela emana tenham um caráter público, visto que seu objetivo não está circunscrito à comunidade cristã, mas ao indivíduo na sociedade.

Em 1944, Barth publicou um artigo que trata não apenas da questão do povo, mas o povo como os pobres, sobre quem há uma distinção especial do Evangelho. Em Mateus (9,36) Jesus, “vendo a multidão”, teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida, como ovelha sem pastor. Barth assinala duas coisas muito importantes em seu artigo — *Jesus und das Volk* (Jesus e o Povo). Primeiro, Jesus se coloca ao lado desse povo excluído, para lhe fazer justiça. O povo não é o pano-de-fundo da história do Evangelho. É o sujeito histórico pelo qual o Cristo foi crucificado e o Verbo se fez carne. Ao se dizer que Ele tira o sofrimento e o chama para si, pode induzir a pensar que Ele o faz em solidão. Este, segundo Barth, é um dos perigos que a teologia enfrenta — tratar com a solidão (BARTH, 1981, p. 65 et. Seq.)⁴ —, ainda que Jesus tenha, algumas vezes, se afastado da multidão para orar, o reino de Deus que Ele anuncia não trata de outra coisa senão de que Ele está real e literalmente em meio ao povo. Ainda que se dirija à massa que se encontra na periferia, Ele a quer conduzir para o centro do povoado. Ele chama essas pessoas para si a fim de que o ouçam (ALTMANN, 2018, p. 326).

Barth e a Ação Política

A compreensão barthiana se estende num novo horizonte epistemológico que se configura na primeira metade do século XX. Tempos de angústia e silêncio; reflexão crítica ante à desgraça do mundo. Num mundo que se debate entre duas grandes guerras, um Deus transcendente e distante não tem nada a dizer ao ser humano. Somente nesse contexto é possível perceber que não se pode excluir a

⁴ Segundo Barth, o teólogo precisa de solidão para o aprofundamento necessário para sua missão. *O intellectus fidei* o levará à solidão (BARTH, 1981. p. 68).

humanidade de Deus de sua divindade, sendo Ele a abertura para o amor, em sua capacidade de não estar só nas alturas, mas também nas profundezas, de não ser apenas para Si, mas também para o outro. Essa co-humanidade de Deus em Cristo promove uma relação dialogal entre o Deus transcendente, antes *absconditus*, mas que agora se torna o Deus solidário com o ser humano.

Barth foi o pároco e, posteriormente, o professor universitário que, com bravura mostrou que, raramente — infelizmente — algum dos bispos publicou algo condenando o nazismo, enquanto ele próprio inspirou e ajudou a organizar a resistência da Igreja Confessante, com o Sínodo de Barmen. A voz suíça de Barth, ressoando para a Alemanha — sobretudo depois de sua expulsão, em 1935, quando recusou a se tornar um professor leal, fazendo juramento a Hitler — ofereceu orientação e encorajamento a muitos cristãos na escuridão daqueles tempos.

Daniel Cornu diz sobre Barth: “Necessita-se uma singular coragem para descer do púlpito para as ruas. Necessita-se, também, uma inquebrantável confiança n’Aquele que nos impele a isso” (CORNU, 1971, p. 7). Os nacionalistas subiram ao poder. A partir de 1º de abril de 1933, começa o boicote contra as lojas judaicas. Barth ensinava na Universidade de Bonn, desde 1930. As portas da Universidade se abriram para ele devido a Carta aos Romanos. Em 1933, ele publica o manifesto “Existência Teológica Hoje: a da Igreja Evangélica da Alemanha”. Sua “Carta aos Romanos”, de 1919 e 1922, revolucionaram a teologia, o tornado um teólogo convidado para Gottingen, Tubingen e Bonn. Cornu assim se expressa sobre esse acontecimento:

As autoridades nazistas proíbem que ele fale em público. Recusa-se a se curvar ante o decreto que impõe a todo o professor começar seus cursos com a saudação hitlerista. Em novembro de 1934, recusa-se ainda a prestar juramento de obediência absoluta ao Führer, juramento exigido a todos os funcionários do Estado. Em 1935, foi expulso da Alemanha e retorna para Basel (CORNU, 1971, p. 51).

Dois textos foram de fundamental importância para que Barth se mantivesse na luta, na Alemanha ou na Suíça, defendendo o direito dos cristãos verdadeiros de resistir a um poder que não pode provir de Deus, porque se opunha contra tudo que é dele. O primeiro é Existência Teológica Hoje (*Theologische Existenz Heute*), escrito em junho de 1933, numa época em que os cristãos alemães (*Deutschen Christen*) estavam prontos a apoiar o movimento hitlerista, comprometendo-se cada vez mais

com o Reich Alemão (ALTMANN, 2018, p. 142-169). Ao justificar seu pronunciamento, ele afirma: “Considero que também isso é uma tomada de posição, de qualquer modo uma tomada de posição político-eclesiástica e indiretamente até política” (ALTMANN, 2018, p. 142). O texto é, na verdade, um manifesto, em que Barth critica a reforma da Igreja, nos moldes em que está sendo tratada; a nomeação de um bispo para o Reich, que não poderia vir de uma instituição que não fosse por vontade da própria Igreja, e a existência de movimentos de fé dos cristãos alemães. Em uma análise minuciosa, afirma que a comunhão entre aqueles que pertencem à Igreja não se estabelece pelo sangue, isto é, pela raça, mas pelo Espírito Santo e pelo batismo. Se a Igreja Evangélica Alemã vier a excluir os judeus ou tratá-los como pessoas de segunda classe, ela terá deixado de ser Igreja Cristã (ALTMANN, 2018, p. 157).

O segundo texto é *Justificação e Direito*, de 1938, (ALTMANN, 2018, p. 261). Ele vê aqui dois perigos. O primeiro proporcionado pela visão pietista que procura desligar a justificação de todas as relações consideradas mundanas, construindo uma igreja exclusivamente espiritual. Por outro lado, a visão iluminista que, embora levando a sério a questão dos direitos humanos, não estabelece relação com a justificação realizada por Jesus Cristo, o que leva a Igreja a uma dimensão puramente secular. É preciso relacionar as ações da Igreja diante do Estado, sem querer nunca estabelecer o direito pela força, o que a faria cessar de ser Igreja. Por outro lado, não se pode aceitar quaisquer condições impostas pelo Estado, que vão de encontro ao mandamento divino. A César deve ser dado o que é de César, mas não a qualquer preço. Barth vai dizer que não é qualquer autoridade a que se vai submeter, porque há a autoridade legítima e a ilegítima. A primeira está em Romanos 13,1, que é aquela escolhida por Deus, escolhida pelo povo. A segunda é aquela de Apocalipse 13, que usurpa o poder e se levanta contra tudo o que é de Deus, contra o Direito e a justiça. Ele afirma: “Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas” (Rm 13,1), (BARTH, 2016, p. 469). “Vi emergir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia” (Ap 13,1). A besta do abismo, da qual fala o Ap. 13, é o Império Romano, ou o poder político opressor.

Apocalipse condena todo império terrestre quando este pretende assumir o papel de poder totalitário.

Ao final da guerra, Barth publica o texto: “Comunidade Cristã e Comunidade Civil” (ALTMANN, 2018, p. 293-320)⁵. Barth afirma que há uma diferença fundamental entre uma e outra. No que diz respeito à fé cristã, a comunidade civil é cega e ignorante. Não tem fé, nem amor, nem esperança. Não possui credo, nem evangelho. A oração não faz parte de sua vida, nem cultiva a fraternidade e, sim, a competitividade. Isso não significa que a Igreja é sempre a comunidade que pratica todas essas coisas. Em certos momentos, a própria Igreja é alvo do juízo de Deus. Mas, sendo Igreja, deve testemunhar da justiça divina e defender uma política baseada no direito, constituindo-se, dessa forma, em proteção para os cidadãos. Emílio Castro registra um apontamento das classes dadas por Barth, em que afirma: “Que a Igreja seja a Igreja e o mundo notará que a Igreja existe (BARTH, 1967, p. 10)”.

Conclusão

Sua Dogmática, disse ele, não era uma obra acabada. Era um início de conversa para todos aqueles e aquelas que pretendem viver a cidadania cristã em sua plenitude. Ao final de sua vida, no ano de 1968, perguntaram sobre a última palavra. Ele respondeu:

Minha última palavra como teólogo e como cidadão não é um conceito, nem um termo da teologia cristã. Minha última palavra é um nome: Jesus Cristo! Toda minha vida tem sido enfatizar este nome e dizer: não há salvação em nenhum outro nome! (BUSCH, 1993, p. 496).

Barth ensinou a Igreja a ser Igreja. Destacou a importância do trabalho pastoral antes do labor teológico. Quando chamado para apresentar o papel da Igreja na sociedade, não se negou a produzir textos que refletem essa importância, destacando a luta pelos direitos civis, a igualdade das raças, a luta pelos direitos dos

⁵ Há uma edição desse texto com prefácio de Emílio Castro (1927-2013), metodista uruguaio que estudou com Barth, em Basel, em 1953/1954. *Comunidad Civil y Comunidad Cristiana*. Tradução de Elisabeth Lindemberg de Delmonte. Montevideo: Ediciones Tauro, 1967.

trabalhadores e o engajamento em diversas causas sociais de seu tempo. Diante de um poder político com pretensões messiânicas, não se calou, na Alemanha hitlerista, e nem mesmo quando foi obrigado a retornar à Suíça, fazendo sua voz soar pelas ondas de rádio, alcançando os povos alemães, estimulando a Igreja Confessante a não esmorecer diante do inimigo poderoso. Sua última palavra ao telefone, na noite de nove de novembro de 1968, para seu amigo Eduard Thurneysen, foi: “Ele Reina!”

No dia 14 de dezembro de 1968, houve uma cerimônia em sua memória, na Catedral de Basel. Em suas memórias, Willem A. Visser't Hooft, secretário do Conselho Mundial de Igrejas, expressou a gratidão do CMI ao serviço pastoral e ecumênico que Barth tinha dedicado às igrejas, em todo o mundo, e concluiu que esse serviço, ainda que não reconhecido totalmente no presente, seria honrado e redescoberto no futuro, por gerações de teólogos que retomariam seus textos, servindo de fonte para lidar com os dramas e situações históricas concretas (VISSER'T HOOFT, 1973, p. 353).

Referências

ALTMANN, W. (Ed.). BARTH, K. *Dádiva e Louvor*; artigos selecionados. 4. ed. Trad. Walter O. Schlupp, Luís Marcos Sanders e Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, 2018. (How My Mind Has Changed).

BARTH, K. *Bosquejo de Dogmática*. Trad. M. Gutierrez-Marin. Buenos Aires/Cidade do México: La Aurora/Casa Unida de Publicaciones, 1954.

BARTH, K. *A Carta aos Romanos*. (Segunda Versão, 1922). Trad. Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2016.

BARTH, K. *Church Dogmatics*. Trad. G. T. Thomson. Edinburgh: T & T Clark, 1936. I/1. The Doctrine of the Word of God, Prolegomena.

BARTH, K. *Church Dogmatics*. Trad. G. T. Thomson. Edinburgh: T & T Clark, 1936. II/1. 1957. The Doctrine of God.

BARTH, K. *Comunidad Civil y Comunidad Cristiana*. Trad. Elisabeth Lindenberg de Delmonte. Montevideo: Ediciones Tauro, 1967.

BARTH, K. *Introdução a Teologia Evangélica*. Trad. Lindolfo Weingartner. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

BUSCH, E. *Karl Barth; His Life from Letters and Autobiographical Texts*. Trad. John Bowden. Grand Rapids: W. B. Eerdmans Publishing Company, 1993.

CAVALCANTE, R.; SINNER, R. (Orgs.). *Teologia Pública em Debate*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011. (Teologia Pública, 1).

CORNU, D. *Karl Barth: Teólogo da Liberdade*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

JACOBSEN, E.; VON SINNER, R.; ZWETSCH, R. E. (Orgs.). *Teologia Pública; desafios éticos e teológicos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. (Teol. Pública, 3).

FOWLER, J. *Weaving the New Creation; Stages of Faith and the Public Church*. San Francisco: Harper Collins, 1991.

GRAHAM, L. K. *Pastoral Theology as Public Theology in Relation to the Clinic*, 1999. [texto não publicado].

GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação; perspectivas*. Trad. Jorge Soares. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

MARTY, M. *The Public Church: Mainline – Evangelical – Catholic*. New York: Crossroad, 1981.

MONDIN, B. *Antropologia Teológica; história, problemas, perspectivas*. Trad. Maria Luiza Jardim de Amarante. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

PASTOR, F. A. *A Lógica do Inefável*. Trad. Luciano Campos Lavall. São Paulo: Loyola, 1989.

REVOLUTIONARY THEOLOGY IN THE MAKING: *Barth-Thurneysen correspondence, 1914-1925*. Trans. James D. Smart. Richmond: John Knox Press, 1964.

ROBERTO E.; ZWETSCH, R. C.; SINNER, R. (Orgs.). *Teologia Pública; desafios sociais e culturais*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. (Teologia Pública, 2).

SANTA ANA, J. Karl Barth e o Socialismo. *Seminário Teológico Presbiteriano de São Paulo*, v. 81, n. esp., p. 22-31, 1986.

SATHLER-ROSA, R. *O Sagrado da Política; a dimensão esquecida da prática cristã*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

SINCLAIR, J. “um perfil de John A. Mackay: “aquele escocês com alma Latina”. *Vida y Pensamiento. Revista Teológica de la Universidad Bíblica Latinoamericana*, San José, Costa Rica, v. 30, n. 2, 2010.

SINNER, R. *Teologia Pública num Estado Laico; ensaios e análises*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2018. (Teologia Pública, 7).

TILLICH, P. *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Aste, 1986.

TRACY, D. *A Imaginação Analógica, a teologia cristã e a cultura do pluralismo*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

VISSER'T HOOFT, W. A. *Memoirs*. London: SCM Press Ltd., Philadelphia: Westminster Press, 1973.

WILLIMON, W. H. (Ed.). *The Early Preaching of Karl Barth: fourteen Sermons with Commentary*. Trans. John E. Wilson. Louisville: Westminster John Knox Press, 2009.

ZABATIERO, J. *Para uma teologia pública*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

ZEFERINO, J. Karl Barth e a teologia pública: contribuições ao discurso teológico público na relação entre clássicos teológicos e res pública no horizonte da teologia da cidadania. 2018. 310p. Orientador: Alex Vicentim Villas Boas. Tese (Doutorado em Teologia) — Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, 2018.

RECEBIDO: 17/03/2022
APROVADO: 23/04/2022

RECEIVED: 03/17/2022
APPROVED: 04/23/2022